

CRÍTICAS AO CONSTRUTIVISMO APLICADO À EDUCAÇÃO: BREVE LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO

Alana Beatriz Stabile Barduco (PIC/UEM), Ruth Izumi Setoguti (Orientador), e-mail:
risetoguti@uem.br.

Universidade Estadual de Maringá / Departamento de Fundamentos da
Educação/Maringá, PR.

Educação/Fundamentos da Educação

Palavras-chave: Construtivismo, Alfabetização infantil, Críticas ao construtivismo.

Resumo

A intenção com este projeto de iniciação científica (PIC) é apresentar um breve levantamento acerca das críticas existentes na literatura educacional ao construtivismo aplicado à educação. Autores como Nuno Crato (2011), João Batista Araújo e Oliveira (2002), Stanislas Dehaene (2012), dentre outros, questionam a eficácia da aplicação dos pressupostos do construtivismo na aprendizagem escolar. Segundo esses autores, o construtivismo contribuiria para o baixo aprendizado dos alunos. Apesar de ser um tema polêmico e multifacetado, julga-se aqui importante que num curso de formação de professores tais críticas sejam debatidas. Desde os anos de 1990, a proposta construtivista aplicada à educação tornou-se hegemônica no Brasil devido a sua inserção nas políticas educacionais oficiais como, por exemplo, nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Ao mesmo tempo em que ocorre a disseminação de práticas construtivistas nas salas de aulas, emergem também críticas aos seus fundamentos teóricos e epistemológicos. Esta pesquisa é de cunho teórico e qualitativo, realizada em livros, revistas científicas impressas e disponíveis na internet.

Introdução

A intenção com este projeto de iniciação científica (PIC) é apresentar um breve levantamento acerca das críticas existentes na literatura educacional ao construtivismo aplicado à educação. Autores como Nuno Crato (2011), João Batista Araújo e Oliveira (2002), Stanislas Dehaene (2012), dentre outros, questionam a eficácia da aplicação dos pressupostos do construtivismo na aprendizagem escolar. Segundo esses autores, o construtivismo contribuiria para o baixo aprendizado dos alunos. O construtivismo tem sua origem associada às ideias do biólogo e epistemólogo suíço Jean Piaget (1896- 1980) que foram formuladas na década de 1920. Piaget, procurando superar as teorias do conhecimento de bases inatista e empirista, propõe uma visão interacionista de como o conhecimento se forma no indivíduo. Conforme Piaget (1970) em **O nascimento da inteligência na criança**, o conhecimento não se encontra pré-formado no sujeito (indivíduo) como apregoava o inatismo, nem no mundo exterior, captado pelos órgãos dos sentidos, como defendia o empirismo. O conhecimento, a inteligência para Piaget, ao contrário, se formaria na interação da criança com o meio externo por meio de sua atividade (ação).

Porém, Piaget (1970, p. 30) não desconsidera a existência de um *a priori* de caráter biológico. A criança “só pode adquirir conhecimentos se possuir os esquemas necessários à sua assimilação” (apud ARAÚJO, 2006, p. 180). São quatro as etapas obrigatórias do desenvolvimento infantil proposto pela epistemologia genética de Piaget: 1- período sensório-motor (0 a 2 anos); 2-período pré-operatório (2 a 7 anos); 3- período das operações concretas (7 a 11 ou 12 anos) e período das operações formais (11 ou 12 anos em diante). Quanto às raízes filosóficas do construtivismo, essas assentam-se nas correntes tidas “progressistas” como o iluminismo, o racionalismo, o cientificismo e o romantismo (OLIVEIRA, 2006). Elas têm em comum o fato de serem na ideia de “progresso”. No entanto, como explica Oliveira (2006), o ideário ‘progressista’ na educação tem sua inspiração mais direta nas ideias de Jean-Jacques Rousseau. Nuno Crato (2011), compartilha dessa mesma posição. Para ele, o movimento construtivista tem inspiração romântica por se enquadrar num movimento filosófico e pedagógico anti-racionalista cujo principal precursor foi Jean-Jacques Rousseau (1712-1778). Esse filósofo provocou uma revolução copernicana na educação ao deslocar o processo de ensino e aprendizagem, antes centrado no professor, para a figura do aluno, no seu interesse, na sua vontade. Assim, os conteúdos escolares tornam-se secundários diante do interesse do aluno. A educação não deve, segundo Rousseau (apud CAMBI, 1999) se basear na transmissão do conhecimento, mas na descoberta empreendida pelo aluno em contato com as ‘coisas’. Dessa forma, sua aprendizagem se daria por meio da experiência. Essas ideias penetraram fortemente na pedagogia contemporânea, e, a partir 1960, no que se constituiu como construtivismo. Segundo Oliveira (2002), “há poucos trabalhos de natureza teórica, conceitual ou empírica no país que permitam uma análise objetiva do que seria o construtivismo” (OLIVEIRA, 2002, p. 4). Um exame da literatura internacional aponta para uma situação similar de ausência conceitual acerca do que é ‘construtivismo’. A confusão se torna ainda maior pois uns o consideram “movimento”, outros, “teoria”, e ainda outros “enfoque”, “filosofia”, “programa”, “currículo” etc. (OLIVEIRA, 2002, p. 164). Como se pode concluir, na literatura internacional como nacional o termo construtivismo não possui definição consensual. Para o desenvolvimento desta pesquisa, partiu-se de levantamento de artigos científicos, livros impressos e digitais com o intuito de analisar as críticas existentes ao construtivismo aplicado à educação e verificar os impactos que o construtivismo provocou nas práticas educativas.

Materiais e métodos

O projeto foi realizado por meio de uma pesquisa bibliográfica com o intuito de identificar quais as ideias, argumentos e críticas que autores como Crato (2011), Oliveira (2002) e Dehaene (2012) apresentam sobre o construtivismo, que segundo esses causam um impacto no processo de aprendizagem. Assim, estudar essas ideias constitui-se em um instrumento de compreensão das dificuldades que muitas vezes encontramos nas práticas educativas do país.

Resultados e Discussão

As ideias do construtivismo tiveram suas raízes no pensamento de Jean Piaget o qual foi retomado mundialmente na década de 1960. Segundo Oliveira (2002), “Apesar desse sucesso, há poucos trabalhos de natureza teórica, conceitual ou empírica, no país que permita uma análise objetiva do que seria o construtivismo” (OLIVEIRA, 2002, p. 4). Conforme Oliveira (2002), isso causa um impacto profundo nas práticas educativas, em especial na alfabetização. Para Crato (2011), a corrente do construtivismo tem uma inspiração romântica, pois se enquadra num movimento filosófico e pedagógico anti-racionalista que teve como principal precursor Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) na qual, as ideias principais de Rousseau era de que, o aluno seria capaz de construir conhecimentos por si só, além de partir de conhecimentos que seja apenas do seu interesse. Com base nisso, Crato (2011) também faz críticas ao movimento, pois para ele o construtivismo descrê da objetividade, além de possuir um desprezo pelos conteúdos científicos e pelos processos cognitivos. O cientista, matemático e neurocientista francês, Stanislas Dehaene, estudando há mais de duas décadas as mudanças cerebrais causadas pelo ato da leitura, conclui que a decodificação ocorre do lado esquerdo do cérebro e quando o processo ocorre ao contrário, se torna ineficaz, que é o caso do método global - inspirado no construtivismo -, que primeiro aprende o significado da palavra e posteriormente os símbolos que a compõe. Num certo sentido, podemos dizer que esse método ensina o lado errado primeiro” (DEHAENE, 2012).

Conclusões

A presente pesquisa mostrou que as propostas construtivistas se fazem presentes nos discursos e nas práticas pedagógicas do Brasil desde a década de 1990 e ainda sobrevivem nos dias atuais, como por exemplo na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB).

As principais ideias do movimento construtivista são um certo repúdio à ideia de que a alfabetização implica o desenvolvimento de habilidades específicas; aversão a atividades que envolvam exercitação e memorização; a defesa da leitura e escrita como fenômenos naturais; a defesa de que o aluno constrói seu próprio conhecimento.

Listou-se aqui as principais críticas aos pressupostos construtivistas, cujos seus autores enfatizam que, apesar da difusão do construtivismo tanto no Brasil como no mundo, há poucos trabalhos de natureza teórica, conceitual ou empírica, que permitiriam uma análise objetiva para defini-lo. Um outra crítica refere-se à ênfase que o construtivismo dá à intervenção, à interpretação e ao processo, deixando de lado os fatos, os currículos, os conteúdos e os resultados educativos; a sua descrença na objetividade, na capacidade de apreender a realidade e na possibilidade de o conhecimento científico chegar a conclusões; no seu desprezo por conteúdos científicos e processos cognitivos; na sua rejeição ao ensino das habilidades de consciência fonêmica, fônica e decodificação.

Finalmente, esperamos aprofundar posteriormente a temática deste projeto de iniciação científica tendo em vista os enormes desafios educacionais que o Brasil enfrenta, como por exemplo, explicar as razões para os persistentes altos índices de analfabetismo funcional. Como combatê-los? Como contribuir para reduzir a desigualdade social e de aprendizagem escolar? Eis os grandes desafios para o século XXI.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a minha orientadora Ruth Izumi Setoguti por me direcionar e compartilhar de seus conhecimentos na realização desse projeto de Iniciação Científica. Meus agradecimentos também à Universidade Estadual de Maringá e ao Departamento de Fundamentos da Educação por proporcionar essa pesquisa de extrema importância.

Referências

CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. São Paulo: Editora da Unesp, 1999.

CRATO, Nuno. **O 'educuês' em discurso directo**: uma crítica da pedagogia romântica e construtivista. Lisboa: Gradiva, 2011.

DEHAENE, Stanislas. "A neurociência deve ir para a sala de aula". [Entrevista cedida a] Yuri, F. **Revista Época**, Rio de Janeiro, agosto, 2012. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/ideias/noticia/2012/08/stanislas-dehaene-neurociencia-deve-ir-para-sala-de-aula.html>>. Acesso em: 29 de maio, 2019.

OLIVEIRA, João Batista Araújo. Lereis como deuses: a tentação da proposta construtivista. In: **SINAIS SOCIAIS**, no. 1, ano 1, Mai-Ago, 2006, pp.146- 178. Disponível em: <https://www.alfaabeto.org.br/wp-content/uploads/2015/12/lereis_como_deuses.pdf>. Acesso em: 25/5/2019.

OLIVEIRA, João Batista Araújo e. Construtivismo e Alfabetização: um casamento que não deu certo. In: **ENSAIO**, v.10, no.35, Abr-Jun, p.161-200, 2002. Disponível em: <<https://www.alfaabeto.org.br/construtivismo-e-alfabetizacao-um-casamento-que-nao-deu-certo/>>. Acesso em: 25/5/2019.

PIAGET, Jean. O nascimento da criança (1970) [Textos selecionados]. In: MUNARI, Alberto. **Jean Piaget**. Tradução e organização de Daniele Saheb. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Massangana, 2010. Disponível em: <ivros01.livrosgratis.com.br/me4676.pdf>. Acesso em 20/05/2019.